

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS:—LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco
Publica-se os quintas e sábadosRedação, administração, composição e impressão
Tipografia Democrática, Rua 1.º de Dezembro — FAROASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICAÇÕES E ANUNCIOS: — Cada
lindo 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª página contrário especial.
Publica-se todos os anúncios de interesse geral.

OS GRANDES PROBLEMAS NACIONAIS

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

No intuito de acompanharmos a luminosa campanha em que toda a imprensa se lançou a favor da instrução pública, procurámos hâ dias o sr. Francisco Portela da Silva, ilustre inspetor do Círculo Escolar de Faro, a quem pedimos o seu valioso parecer acerca do ramo de serviço em que tão profissionalmente exerce a sua atividade de funcionário distinto.

Acedendo amavelmente ao nosso convite, o sr. Portela da Silva entregou-nos o seguinte artigo, em que de uma forma geral estão tratados os principais pontos de tão importante assunto, segundo o seu modo de ver de profissional experimentado, e de grande amigo da instrução:

Da redação do *Heraldo*, a convite dum dos seus diretores, *doublé* dum profissional distinto no campo do ensino, acedi a fazer algumas considerações sobre instrução primária.

Máu gosto, na verdade, deixar a prata de casa, de tão fino quilate e boa lavra, para recorrer á baixela inferior, de casa alheia. Complexo é o assunto, infeliz a escolha da pessoa a tratar-lo. Não me neguei, contudo, por entender que, na fase que atravessa a sociedade portuguesa, ninguém se deve escusar a carrear uma pedra, por pequena que seja, para a reconstituição do nosso edifício social, quasi desmantelado pela incúria, se não crime, da governação do extinto regimen. De mais, com verdade o digo, parte das idéias que vou apresentar não são em primeira mão, na frase popular; já as tenho esposto em publicações pedagógicas.

Tres pontos primaciaes, a meu ver, ha a considerar no problema da instrução primária: — escolas normaes, inspetorado, e administração dos serviços do ensino, não esquecendo, claro é, a parte financeira que, a despeito das utópias e sentimentalismos, é a mola real da organização dos serviços públicos.

As escolas normaes, como actualmente estão organisadas, satisfazem ao seu fim? De modo algum. Será culpa do professorado? Não. Ha, em seu corpo docente, distintos profissionaes, inteligencias esclarecidas,—bons mestres, enfim. O defeito é de essencia, da sua organização. Na verdade, que ensino é nelas ministrado? O das disciplinas que constituem parte dos preparatórios liceaes: noções de historia, geografia, língua portuguesa e francesa, matematica, ciencias naturaes, etc; portanto, o curso

normal atual tem um caráter preparatório, quando devia tê-lo terminal, visto que os aspirantes ao magisterio primário, ao saírem delas, nenhum estabelecimento de ensino vão ainda frequentar. E isto lógico? Não parece. Basta olhar para as suas congêneres,—as outras escolas profissionaes.—O que se professa nas escolas médicas? Os diferentes ramos de medicina e ciencias afins. No instituto de agromonia e veterinaria? As diferentes matérias constitutivas das respectivas ciencias. O que se deve, pois, professar nas escolas normaes primárias? A pedagogia com as matérias que com ela têm afinidades!—a pedagogia, a higiene, a nosologia, a moral, a legislação escolar, junto com um persistente e longo tirocinio nas escolas anexas, que devem ser modelares, tanto na sua direção, como no material didascálico! O ingresso ás escolas normaes devia ser precedido, pois, dos necessarios preparatórios, ou feitos nos liceus, ou num rigoroso exame de admissão.

—**Inspetorado.** — O Inspecto primário desempenha a função social que a sua missão lhe impõe? Não. E a culpa é dos múltiplos enleios em que o lançam as estações superiores, que o acorrem á secretaria de burocrata, desviando-o do seu verdadeiro mister, inspecionar, já obrigando-o a pedir diversas autorizações para poder efetuar qualquer inspeção, quer retardando-lhe o pagamento, forçando-o assim a desviar-se desse serviço, na impossibilidade de o desempenhar por falta de pecúnia.

Urge modificar profundamente este ramo de serviço. O Inspecto primário deve, para com o professorado (permite-se-me o metaforismo) manter-lhe o fogo sagrado, a viva chama de que vem animado ao sair das escolas.

Estar em quasi permanente convivio com ele, dirigindo-o, aconselhando-o, indicando-lhe os melhores e mais modernos processos de ensino. E que o serviço burocratico esteja a cargo das secretarias, que devem ser criadas em cada círculo escolar, sob a chefia do Inspecto, que tomará conhecimento do expediente, mandando-o executar, desembraçando qualquer entravé, ou esclarecendo qualquer dúvida que acaso apareça.

Administrado dos serviços de instrução:

E' necessário acabar com a centralização, pela morosidade com que são feitos os serviços,

confiando parte deles ás Camaras Municipaes, e outra parte ás Secretarias das Inspeções, que devem ser criadas, como já indiquei. Pertencerão ás Camaras os encargos das construções escolares, conservação dos edifícios, sob consulta do Inspecto, que interferirá para a observância das condições higienicas e pedagógicas.

Nas secretarias das Inspeções organizar-se-hão os processos de criação e conversão de escolas, graduação dos concorrentes, processamento de folhas, etc. Desnecessário me parece dizer que, sendo os aspirantes ao Magisterio obrigados a um curso mais prolongado e completo, e depois no quadro dos professores, a uma quasi constante vigilância do Inspecto, preciso é conceder-lhes melhor remuneração. De fato, só com o corpo confortado, e d'á o espírito desanuviado, se poderá trabalhar com proficiência. E assim não sucederá, se o professor, tiver sempre ante o espírito a visão negra da insuficiência de vencimento para a sua condigna sustentação e a de sua família.

Eis a traços largos o meu desautorizado pensar acerca do magno problema da instrução primária. Será isto uma pretenção a resolvê-lo? Longe de mim tal pensamento.

Satisfeito ficarei se, com estas desalinhadas frases, despertar os que se consagram ás lides pedagógicas, os que moirejam no campo da instrução, para que venham espôr os seus planos, prestar as luzes do seu saber em auxilio dos dirigentes do país, neste importante ramo dos serviços públicos.

Estou confiado em que os governos da Republica, desembraçado o caminho que os inimigos da Patria quizeram entrapar, olharão atentamente para o ensino público, e a prova da minha confiança está no projeto da criação do Ministerio da Instrução e Belas Artes, que está a discutir-se no Parlamento.

CÂNCIONEIRO DO Povo

O luar da meia noite,
Não veulas cá ao serão;
Isto de quem tem amores
Quer escuro, luar não.
O sol é marco da lua,
Capitão-mor da beleza;
Ama-me com lealdade,
Que eu te amarei com firmeza.
O querer bem não é pecado,
Que se diga ao confessor;
Cada qual é obrigado
A querer bem ao seu amor.

DR. ANTONIO FRANCISCO DE SOUSA

Pela ordem do dia n.º 22 dos caminhos de ferro do Estado (Sul e Sueste) foi o sr. dr. Antonio Francisco de Sousa, sub-delegado de saúde em Tavira e irmão do nosso diretor, louvado pelos bons serviços que prestou em 10 de outubro findo, em Casa Branca, quando por ocasião do choque de combóios tratou dos feridos com zelo e dedicação.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

«O Elimano»

São deste nosso preso colega de Setúbal as imprecisas referências que transcrevemos e que lhe agradecemos penhoradíssimos, estabelecendo gostosamente a permuta com tão bem redigido semanário.

Recebemos a visita do nosso colega *O Heraldo*, bi-semanario republicano democrático que se publica em Faro.

E forta excellentemente redigida, como em geral os jornais do Algarve, tendo como diretores os srs. Lyster Franco e dr. João Pedro de Sousa, jornalistas experimentados e assás conhecidos pelos seus dotes de inteligência.

Gostosamente estabeleçemos a permuta com tão considerado colega.

Tubarões

Quando alguém diz que o dr. Afonso Costa inspira confiança bastante para equilibrar o orçamento, logo a malzeiraria dos tubarões se lhe atira ás pernas, clamando:—Nada de economias, que isso é desorganizar serviços; o povo pôde e deve pagar mais!

E é que nem de pagar e não bufar.

A voz da conciencia

... E tão pavido é o espetáculo que nem forças separam para opor um dique à onda avassaladora dos ambiciosos vorazes.

Taes são as palavras, bastante sinceras, do sr. Machado dos Santos, quando se reconhece semi-força moral para impedir que outros façam o que ele já fez. Demais, já não é pequeno o sacrifício de ir receber os tres contos de réis...

Ministerio à bica

Não obstante as investidas, todos são concordes em que, denre os partidos politicos constituídos, só o democrático tem envergadura, elementos e programa capazes de nos tirar do atoleiro em que jazemos e em que cada vez nos vamos afundando mais.

Informava *A Capital* que o sr. dr. Afonso Costa teria assim e para já a seguinte lista ministerial: Ele dr. Afonso Costa, Fratel, Anselmo de Andrade, Correia Barreto, Ferreira do Amaral, Cerveira de Albuquerque e Almeida Ribeiro.

E porque não haverá assim?

«O Heraldo»

Por motivos de força maior, não pôde *O Heraldo* sair na proxima quarta feira.

E uma ligeira falta que materialmente em nada prejudica os nossos presos assinantes, visto que as assinaturas se não contam rigorosamente pelo numero de meses, mas sim pelo numero de jornaes: o trimestre corresponde a 25 numeros.

A recompensa

Varias pessoas nos tem perguntado se tem fundamento um boato que para ahi começa a correr de que vão ser processados criminalmente, por falsarias, as testemunhas que depuzeram contra o dr. Cândido de Sousa.

Parece que o dr. Cândido de Sousa está realmente nesse propósito; mas só criminalmente será pouco: o que é preciso é processá-las civilmente, para indemnização de perdas e danos.

E nunca ás mãos lhe doam.

Confraternisando

Num lugar aprazível, que previamente será determinado, vai realizar-se, por todo o mez de dezembro, uma grande mérènde de confraternização democrática, a que assistirão todos os centros democráticos do concelho de Faro, e bem assim quaisquer pessoas que, apesar de não pertencerem a tales centros políticos, perfilhem as ideias que ahi se professam.

Avençã

Dr. Afonso Costa

Conforme noticiou *O Mundo*, nosso ilustre colega da capital, os srs. drs. Cândido de Sousa e João Pedro de Sousa estiveram conferenciando com o sr. dr. Afonso Costa, sobre a situação política do Algarve, e este presigioso estadista prometeu-lhes que viria por todo o mez de janeiro á nossa província.

Novo centro

Segundo consta, vai constituir-se em Almansil, do concelho de Loulé, um novo Centro Republicano Democrático, para o que já existe um grande e valioso numero de socios.

Senhores do seu nariz

Di A Republica em resposta á *Luta* que o entendimento entre evolucionistas e unionistas é difícil na verdade de efetivar, porquanto os unionistas costumam reservar-se sempre o direito de fazer o que entendem, nas suas uniões, não consentindo que os outros façam senão... o que eles querem.

De facto, sempre assim foi: os unionistas consideraram sempre os evolucionistas como muito ingenuos ou paivos.

Jantar

A comissão municipal evolucionista de Lisboa, porque ouviu dizer que o seu chefe dr. António José de Almeida estava muito fraco, logo resolveu oferecer-lhe um jantar á chegada. Esta lauta paparoca envolve também um quinão no sr. dr. Brito Camacho, que só passou um almoço. No fim, quem come as papas na pinha aos dois, como se usa dizer, é o sr. dr. Afonso Costa, que será por certo o primeiro a constituir ministerio paridário. Mas... chorae, fadistas, chorae...

DR. CANÍDO DE SOUSA

Completando as nossas informações acerca da imponentíssima homenagem que foi alvo o nosso querido amigo e ilustre clínico dr. Cândido de Sousa e de que, nos numeros anteriores, fizemos largo relato, publicamos hoje as referencias dos nossos colegas da imprensa, e as cartas e telegramas que nos foram enviados pelos nossos parentes e dedicados cōreligionários:

Do nosso prezado colega *O Algarve*:

«E' hoje, no rapido, que regressa a Faro o sr. dr. Cândido de Sousa, distinto médico desti cidade, e que esta semana foi julgado em Lisboa, por causa dos acontecimentos dados com a oficialidade do 33, sendo absolvido.

Os numerosos amigos do sr. dr. Cândido de Sousa preparam-lhe uma carinhosa manifestação de simpatia á sua chegada.

Daqui enviamos os nossos parabens ao sr. dr. Sousa, não só pela sua absolvição, como pela prova de estima que vai receber.

Do nosso estimado colega portimoense *A Alma Algarvia*:

«Dr. CANDIDO EMILIO DE SOUSA.—Ficou plenamente absolvido no conselho de guerra em que respondeu este ilustre clínico, e médico militar de Faro, que pelo seu caráter honestíssimo e ciencia cirúrgica gosa bastantes simpatias naquele cidade.

Folgado com tal ato de justiça, apresentamos ao dr. Cândido de Sousa a todos os seus numerosos amigos a expressão da nossa alegria, por o vermos reconduzido ao carinho do seu lar e dos seus amigos.»

Do Seculo de 26 do corrente:

«FARO. — No comboio rapido chegou á esta cidade o médico militar, sr. dr. Cândido de Sousa, julgado e absolvido em Lisboa.

Os seus numerosos amigos e admira-

dores fizeram-lhe uma receção grandiosa, como demonstração de simpatia e respeito.

Do nosso estimado colega O Provínciano:

«O nosso preso colega de Faro, O Heraldo, no seu número de 20 do corrente e sobre a questão com os oficiais do 3.º batalhão de infantaria 33, aquartelado naquela cidade, diz o seguinte:

«Fez-se justiça!

«O concelho de guerra a que foi submetido o tenente médico de infantaria 33, dr. Cândido Emílio de Sousa, injustamente preso em consequência dos lamentáveis sucessos ocorridos nesta cidade e provocados pela involuntária atitude de alguns ex-oficiais do mesmo regimento, acabou de ser absolvido por unanimidade.

«Fez-se justiça! tal qual sempre ser-nos-ram a esperámos e o nosso querido amigo tão merecidamente apreciado nesta cidade, pelas suas primorosas qualidades de carácter e pela sua grande proficiência clínica, foi finalmente restituído ao nosso convívio.

«Fez-se justiça!

Viva a República Portuguesa!

Viva o exercito! Viva o Partido Republicano Português! Viva o dr. Cândido de Sousa!

As nossas sinceras felicitações ao distinto clínico.

Segundo nos consta s. ex.ª deve chegar h. j. a Faro onde lhe está preparada uma imponente receção, estando também organizadas várias comissões de diversas terras da província, que irão a Faro dar-lhe as boas viudas e felicitações.

Receberam-se nesta redação os seguintes telegramas:

«Em meu nome, em nome do presidente da Comissão Municipal e do Centro 5 Outubro felicitou calorosamente V. Ex.ª pela justíssima absolvição de seu irmão dr. Cândido de Sousa.

José Joaquim Candeias Maio.—(Monóque)

Felicito-o do coração pela liberdade do nosso Cândido.

Ramos.—(Fuzeta)

Os abaixo assinados felicitam V. Ex.ª pela absolvição de seu irmão dr. Cândido de Sousa.

Jaime Dias, Júlio Veríssimo, Vitorino Dias, Virgílio Quintanilha.—(Portimão)

Associo-me à manifestação ao dr. Cândido de Sousa, congratulando-me por lhe ser feita justiça. Viva a República, viva Cândido de Sousa.

Alberto Cristovam Vargas.—(Moncarapacho)

Republicanos democráticos saudam o dr. Cândido e aderem à manifestação. Rogamos represente essa.

Pela comissão municipal do Partido Republicano Português.

Calado.—(Laguna)

Além de outras, a que por absoluta falta de espaço, só no próximo número poderemos dar publicidade, recebemos as seguintes castas:

Sendo-me impossível comparecer hoje em Faro, como desejava; por ter uma pessoa de família bastante doente, permita-me que, por este meio, lhe envie um grande abraço de parabéns por seu ex.º irmão dr. Cândido de Sousa ter tão dignamente regressado ao convívio do nosso glorioso partido onde, durante os setenta dias de reclusão, bastante foi lamentada a sua falta. O seu julgamento foi mais uma glória para a Democracia, e uma evidente derrota para a reação. Antes assim.

Está, pois, ganha a questão do 33, que tanto nome trouxe ao meu ilustre amigo e tantas simpatias acarretou ao Partido Democrático no Algarve. A absolvição do dr. Cândido de Sousa é o engrandecimento do prestígio democrático nacional. Sem tergiversações, devemos caminhar visto que a dignidade e o prestígio escoltam a nossa sincera e patriótica ação; e, sempre que isto se dá, a vitória é evidente. Para o meu prezado doutor e para seu sacrificado mano vão pois, neste momento, as minhas mais cordeiras felicitações de estima e consideração.

Sem mais.

Creia-me, com um abraço,
Castro Marim 25 de novembro de 1912.

João Bernardino de Sousa Carvalho.

Permita-me V. Ex.ª que eu vinha por este meio, testemunhar a minha alegria e satisfação por ter sido feita justiça a seu ilustre irmão sr. dr. Cândido Emílio de Sousa felicitando embos muito sinceramente.

Marmelete 23 de novembro de 1912

Inácio Veríssimo Cabrita

DEMOLINDO

PSICOLOGIA DO IMBECIL

Um dos tipos predominantes no Algarve é o imbecil:

Ha-os de várias proveniências e castas, ostentando à luz quente deste sol esplendido as suas taras e superfluidades.

Uns nasceram em berços do ouro, outros soltaram os primeiros vagidos entre as quatros tabus de uma caixa de fígos.

Neste reino onde as amendoeiras annualmente enfloram para as grandes nupcias da Natureza, poide dizer-se, deve dizer-se que o imbecil, parvoeja e vive a sua existência de inutil, de norte a sul, de leste a oeste, graças à criminosa tolerância de uma sociedade reinante burguesa e estupida, de que ele faz parte integrante.

Como vibriões em água corrompida, os imbecis polulam em todo o Algarve.

Uns, os indígenas, os nativos, os regionalistas, nascem à sombra protetora e fraterna das grandes alfarrabeiras de troncos rugosos e folhas glabras; são quasi sempre montanhosos pitidos.

Os outros, os lá de fôra, vieram de toda a parte, insinuaram-se, palpitaram o meio, que lhes pareceu oxímo para a sua floração parasitária e, entrando, trataram de adaptar-se o melhor possível, de enraizar, de ficar pé, de confraternizar com os nativos, constituindo assim toda essa ignobil e tripudiante malia que embraga os que trabalham, lançando mão da intriga vil, em que a honra e a dignidade das vítimas são corroídas pela sua babuim peçonhenta de invejosos, de despejados, de racionais sem hrio nem caráter, geminas individualidades falidas, em liquidação forçada, por conta dos credores, por quebra e fraude.

O imbecil indígena foram talvez, nos tempos remotos da infância e da pobreza, bons moçambus, criaturas inofensivas e ingenuas, incapazes de uma má ação, mas a pouco e pouco a Ioveia, o Exibicionismo e a Troleima, infiltraram-se no cérebro de lama os preceitos da perversidade, transformaram nos desses vulgos grotescos e perfílos, que circulam em volta de nós, que pretendem dominar, mas que não passam de excêntricos estafetos epiplenitados com toda a hipocrisia de Taciugia aliada ao bonacheirismo asnalino de Sancha Paixão.

O imbecil entre nós, como por toda a parte, divide-se em duas grandes categorias:

O imbecil em bruto, sem educação nem instrução, e o imbecil diplomado seja lá no que for.

Mas—caso estupendo!—em matéria de saúde tanto vale o imbecil diplomado como o imbecil que não sabe escrever, o seu nome.

O imbecil, indígena ilustrado, nasceu-lhe em geral os pruridos de predomínio, depois de uns preparatórios favoráveis, adquiridos no bom tempo em que os examinandos podiam dar humens por si, os exames se compravam às libras, e as distinções eram só para os amigos.

Depois, correu a bacharelizar-se em qualquer faculdade na preistorica universidade da luza Atenas:

Feito o curso, o imbecil regressa triunfante!

Está bem feito, talento consumado genio autêntico, lá porque sonha sujeitar-se com paciencia beneditina a aturar os lenços um rôr de anos, disvelos que estes ibes pagaram aturando-o também e presenteando-o, de vez em quando, para o animar, para o estimular, com alguns ríos malignos!

A volta de Coimbra, o imbecil é em regra, festivamente recebido pelos amigos e admiradores.

Ha foguetes, musicetas, copo de agua em casa da parterneidade, com saudades divorciadas da boa pronuncia e da logica e vulgo baixos que tombam.

De resto, todo este ceremonial de exibição é indispensável ao futuro grande homem,

Ei-lo pronto a estender o trombil aos cargos mais remunerados, ei-lo pronto a obter a imprescindível cedadoocracia,—sim, porque,—que diabo!—não foi para trabalhar que ele andou calcnriando as ruas da luza Atenas, em quanto os mafios devoravam no regambo da casa paterna, entre doçuras bicolicas, a trilogia das rações diárias: milho, sardinhas de oliva e... figos secos!

Dahi a explicação do seu gesto e a necessidade absoluta que o imbecil sente de ser alguém, de ter nomeada, de valorizar a propria personalidade que, nos seus exames de consciencia, lhe só desfazendo a vaso rachado.

E' por isso que o imbecil trata de arranjar-se o melhor possível e ao saltar-lhe o recurso sempre apetecivei de um casório rico, não escrupulosa em aceitar quantos cargos se lhe deparam, intanto, intrigando, barafustando, enquanto não descobre probabilidade de ibes lançar

as unhas aduncas do ambicioso sem brio.

Da maneira como o imbecil indígena se desempenha dos vatos cargos em que as suas aptidões negativas se tem ramificado, falam eloquentemente o aspecto inestetic e o atraço moral e intelectual das cidades e vilas do Algarve, na mór parte das quais predominia a luta e impera a linsidia.

E' triste, mas é profundamente verdadeiro.

Quanto ao imbecil em bruto, este tem outra esfera de ação não menos perniciosa e condenável.

Dominado por completo pela Igreja, cresce-lhe lá dentro, na imunda escuridão do crânio vacío, um odio surdo aos que pensam, aos que meditam, aos que sabem compreender toda a subtileza das coisas, aos que se elevam pela Inteligência e pelo Trabalho e lhe chocam a vaidade ignobil de charlatões vulgares, com o tagarete do sen inflável desprido.

Dahí as infetas campanhas, que quase diariamente veem ao lume destas aguas sujas, constituídas por este meio, primitivo, e que, acreditam, se guerreiam os que, agitando o facho da revolta, ameaçam desmatar todas as praxes e tudo o conservadismo réis de uma sociedade corrompida prestes a afogar-se num grande mar de ignomia!

Não luta travada, que promete ser grandiosa, a maioria pertence por enquanto incontestavelmente ao imbecil, cujas bostas são formidaveis, cujas catervas são immeras.

Mas os que trabalham, os que lutam desinteressadamente para a conquista dum bem geral, não desanimam, não recuam, não vacilam perante a expectativa de serem as vitimas da carnagem!

Não! E' que os anima a esperança de que, bem depressa, no esplêndido horizonte da Democracia, despontará o miladissimo sol da Razão!

Ei-los, todos os imbecis serão implacavelmente eliminados e o Trabalho e o Estudo, dando-se as mãos, poderão garantir a uma humanidade nova, sem maiores nem mandados, o goso completo de todos os bens da terra!

Flaminio.

PELA MINHA PÁTRIA

Um de dezembro de 1640! Um de dezembro de 1912!

Estão passados 272 anos após esse grito magestoso de liberdade lançado por Portugal perante todo o mundo culto!

Que luta colossal, de então para cá, o nosso querido paiz tem sustentado para aguentar e continuar obteendo essa liberdade só para nós sempre ambicionada, sonho presente de Portugal, e herança decretada por nossos antepassados perante as maiores potencias mundiais.

A luta pelo bem estar do nosso paiz é grande. Na verdade, valorosas leis devem ser publicadas porque se tornam necessárias à melhoria social; tudo deverá ter liberdade, e tudo deve ser filho de uma inspiração sincera, de um sentimento de moralidade e justiça...

Assim Portugal rejuvenescerá, e essa decadência húmilde que nos tem envolvido, pretendendo arrastar-nos talvez para a dependência estranha, fugirá decerto de nós, portugueses, como assim foi em 1 de dezembro de 1640.

Precisa-se de homens de poderoso mérito à frente dos negócios públicos,

homens com dedicação sem limites pela

nossa pátria querida, e então esse pe-

zadelo horroroso que nos subjuga pela

incerteza do que será de nós no dia de

amanhã... desaparecerá qual leve

fumo, mosirando ao mundo inteiro o

Portugal novo, que foi berço de tantos

heróis!

Estas passagens comoventes da vida, a que temos assistido, quer ouvindo os clarins revolucionários nas avenidas de Lisboa, ou o troar da artilharia na Rotunda ou sobre o Tejo; quer revendo as lúminosas páginas da nossa história, onde esse valoroso povo do Mindelo, Aljubarrota e África se apresenta ele-

vado ao apogeu da heroicidade, faz-nos brotar lágrimas de sincera dedicação

por estes torrões que pizamos, e na

alma sente-se o punhal envenenado do

remorso; por ainda não podermos ter

seguido o trilho honroso que nossos

antepassados, como herança bendita

nos deixaram!

Sim, portugueses, entocemos o hino da liberdade desfraldando a nossa querida bandeira portuguesa, e seguindo o trilho elevado deixado por nossos avós, porque assim seremos felizes perante todo o mundo culto, e manteremos seguramente o lugar que nos está indicado no concerto das nações!

Honorato Santos.

NOS BALKANS

Sob a densa, irrespirável e estonteante neblina da polvora, e acompanhando isocrónicamente os estalidos secos e o ribombar ensurcedor da incessante fuzilaria, repercutem-se lá ao longe, de quebrada em quebrada, em toada plangente, alteando-se em espirais da mais cruciante dor, os gemidos dos infelizes balkanicos. Arastados ao sangrento teatro da guerra, por um dever de patriotismo fictício, ahí impelidos e guiados pelos caprichos e vaidades dos que despoticamente se encontram investidos da magistratura suprema, induzidos e incitados a defender o seu sangue com o sacrifício da propria vida, os guerreiros do oriente europeu sentem-se abatidos, enervados, ante os horrores, ante a medonha carnificina que no embate de forças tão ingentes, como vâliosas, se tem produzido. Não é que nos convença o relampaguear ininterrupto das notícias demolidamente trágicas dos grandes hebdomadários, pois que, a乍avilar por elas, o morticino assumiria as proporções raras, se não a única, da mais monumental hecatombe, mas é que, de fato, o embate encarniçado entre massas militares tão poderosas como aguerridas, duma força de vontade tão entusiasticamente selvagem, não podia deixar de dár, como dár, uma baixa tão considerável nas forças que tão cruel, como barbaramente ora se entrecocam.

E felizes, muitas vezes, os que de subito caíram varados de lado a lado pela bala homicida, ou impelidos numa multilante dissociação, pelo pedaço da metralha, que tantas vitimas causa. As lágrimas sentidas e estenuantes dos seus que muito longe, porventura, elevam ao seu deus as preces mais entercedoras e da fé mais viva e ardente, servindo apenas para mostrar que um vazio enorme e por certo impossível de preencher não seio da família, se fez em holocausto a um escarninho dever duma solidariedade de embustes.

Morreram e com eles toda a convicção, toda a esperança, sempre fagulhando ao seu rustic e vivo espírito o de voltarem aos seus lares, onde geralmente ainda que luz morria eram prezados para com o minino salário matarem aos entes que mais queridos lhes eram a fome, tão dura, como dura e amarga a sorte que lhes não soube dourar o berço e aureolar a fronte. A sua vida é de resio, e para o caso sujeito, moeda vil e só apreciável, se na nefra fez baquear um adversário igual, isto é, uma unidade simples do exercício inimigo. Porque, na verdade, o taboleiro da guerra apresenta-se para traduzir a resiliante de duas forças da mesma direção, mas de sentidos opostos.

Os estadias, quando para o caso de uma guerra entram em equação com a massa brota dos exercitos a lutar, já sabem que essa grande soma de energias reúndida aos campos e ao bem estar das famílias é sacrificada, no altar das suas desmedidas se não tresludas ambicções. Não lhes pesa a conciença por isso, embora no íntimo se reconheçam os únicos culpados. A sua filosofia egoista e depravada, sem lógica, sem fundo sociológico, permite-lhes continuar num *dulce far niente*, a dirigir e viver, como se nada com elas fosse. Estriçados numa fola e comoda *chaise longue*, antegostam o prazer do sangue olhando despredidamente para o fumo, que em torvelinho revoltado se lhes disprende do delicioso charuto.

O campo vasto da luta vai no entanto, jincando-se de cadáveres que, expostos às intempéries, se delidem, convertendo viço, à mocidade, o amor, numa atmosfera pestilente e mortifera. Mas nem todos caem fulminados por terra. Outros ha que num lance de problematica felicidade escapam, caíndo envoltos no manto que o seu ruivo sangue soube lançar-lhes em terra, para no momento da maior emoção sol

dro da Costa, Manuel Cabido, Manuel da Cruz Franco, José Augusto de Oliveira, Joaquim Fernandes, Manuel da Silva Fernandes, Francisco Mendes dos Santos, Francisco Antonio G. Junior, Antonio Raimundo, Simão José da Cunha, Pedro da Silva Nunes, António Maria da Silva, José da Cruz Franco, José dos Reis, Adriano Rosa, Francisco Gomes, proprietários, Julio Verissimo, Manuel Luiz Pereira, Augusto Alves Godinho, José Marques Pereira, Raul Nunes Branco, serralheiros; Francisco Antonio Boto, Carlos Bernardo Mascarenhas, Joaquim Sebastião Hérriques, Manuel de Oliveira, João das Neves, Antonio da Silva, Antonio da Costa, Joaquim Antonio Nobre, Guiherme Alves Ruivo, Francisco Antônio Flor, José Francisco Alves Ruivo, carpinteiros; João Pedro Simões, Antonio Amaro, Antonio Estevam Delgado, Domingos Nobre, José Pinto Matias, Antonio Rodrigues Bastos, José de Oliveira, Francisco Luiz Teixeira de Sousa, Francisco Antonio Castela Junior, João Antonio dos Santos, Cesario Simões Cascas, Manuel Tavares Rosa, Antonio dos Reis Patrício, Antonio da Silva, José Augusto Lopes, Delfim A. S. Guerra, Servulo Simões Pereira, Virgilio dos Santos Matos, Casimiro Francisco dos Santos, Manuel Antonio dos Santos, Cristovão de Brito, Jerônimo da Silva, José Ramos Junior, Manuel Francisco dos Reis, Manuel dos Reis Patrício, Emílio Rodrigues Neto, João Simões Cascas, Francisco da Glória Esteves, José Augusto Lopes, José Joaquim Fernandes, José Domingos Piná, José Rosado Marreiros, Domingos Rosado Marreiros, Manuel Francisco Coutinho, Domingos Luiz dos Santos, Antonio Viana Junior, comerciantes; Antonio Gonçalves Pincarilho, escrivão de direito; João Pedro Terlím, escrivão notário; Virgilio Quintanilha, farmacêutico; Patrício Antonio Pacheco, marceneiro, José de Sousa Mendonça, Camilo Patrício Rocha, João Eugenio Romana, João da Silva B. ançô, empregados de escritório; Joaquim Damião de Brito, maquinista; Salvador Pereira Nunes, chapeleiro; Alberto Xavier Malveiro, escrivente; Joaquim José Montes, Antonio de Jesus Mealhas, funileiros; José dos Santos Barroso, 2º sargento da Guarda Fiscal; Antonio Inacio, Salvador Ramos, José dos Santos, Joaquim Florencio, Manuel Santa Ana Costa, José Sebastião, Antonio do Carmo Viegas, José Coutinho Junior, José da Gloria Machado, José João, Grégorio, Antonio, José Francisco B. B. B., Francisco Rodrigues Barriinha, João Ricardo Guerreiro, Manuel Antonio Rosa, Gil Andrez, Joaquim Viegas, Antonio da Silva Lucas, José Guerreiro Campos, guardas ficiais, Antonio Gómez Martins, Domingos Marques Simão, José Martins Barroso, Francisco Barbudo, José Leonardo Madeira, João Lourenço Guerreiro, Manuel Pedro Boneca, Antonio Barbudo, José Martins, João Antonio da Costa, Joaquim Gonçalves, sapateiros; Joaquim Rodrigues, José Inacio Junior, J. Cardoso, Francisco Pedro, Francisco Fernandes, Manuel Caracol, soldadores, José Duarte Santos Silva, empregado da Singer; Antonio Sousa Martins, viajante; Raul Madeira Lima, ferroviário; Bernardino José, bolieiro; Ernesto Augusto, Alvaro da Trindade Pina, pintores; José Antonio Balazinha, Frederico da Silva, alfaiates; Manuel Pedro da Cruz, José Alexandre, Antonio Matias S. Isinha, Antonio Esteves, Caetano Rocha da Silva, Francisco Ricardo, Manuel Gervasio, Nicolau José Duarde, Jerônimo da Purificação, José Silvestre Ramus, Pedro Coutinho, Francisco Manuel, Francisco Rocha, Manuel Gervasio de Sousa, Gregorio da Encarnação, marítimos; Jerônimo Díaz da Silva, Manuel Matias, José Francisco Gonçalves, Manuel dos Reis Lino, Benjamim Rodrigues, José Henrique Vitor, Manuel Raimundo, Joaquim Paulo da Silva, Antonio Maria de Almeida, José Henrique, Antonio Izabel Garcia, Antonio do Carmo Paolote, José Antonio Esteves, pedreiros; Manuel Francisco Moleiro, Francisco José Varela, Luiz Vicente, Luiz Dias, José de Sousa Prazeres, João Vicente Valongo, Manuel Duarde Patrício, Joaquim Duarte Valongo, José Paulino, Alfredo dos Santos, José Francisco da Costa, Abilio de Sousa Mendonça, Eugenio de Azevedo, José Joaquim Rocha, Dionisio Antonio, Abilio Pinto, Joaquim Francisco, Antonio Francisco da Silva Lucas, Jerônimo Valentim, Aníbal da Cruz Barroso, José da Gloria Perrolas, Francisco Velasques, João Marques, Belmiro Santana, Joaquim Correia, Manuel Belchior, José Maria Raiado, João Grade, Antonio Angelo, José Rocha Pinto, Manuel Sebastião, João Salsinha, José Grade, Carlos Marques, José Sequeira, Henrique José, João Elói, Joaquim dos Reis, José Lopes, Antonio Rocha, José Rocha Primeiro, Manuel Bernardo Grade, Antonio Gon-

calves, Manuel João Rodrigues, Francisco Lourenço, Dialecino Martins, Joaquim dos Reis Meco, João Borginho, José do Carmo, Domingos dos Ramos, José Basílio Leote, Domingos Gonçalves, Antonio J. Monchiqueiro, D. migos dos Santos Barros, Francisco Martins, Luiz da Silva Leandro, corifeiros; Antonio dos Santos Caixinha, José Filipe, José Francisco Junior, Mariano dos Reis, André dos Reis, José André Bicho, Francisco dos Reis Galucho, Manuel Inacio Jeneia, Manuel dos Reis Batista, Manuel Pedro, Mauricio Luiz, Bernardo Silvestre da Conceição, trabalhadores; José Fundunes, José Bastos Barbudo, barbeiros; Francisco Dias dos Santos, Francisco Carlos Lemso, Antonio José Xavier, Joaquim Pedro Serpa, Antonio do Carmo Mira, José Francisco Lopes, ferreiros; José Dias de Sousa, Luiz Barbudo Clemente, caixeiros; Francisco Antonio Jorge, Manuel da Silva, Joaquim do Nascimento, José Vicente Joaquim, Francisco Espírito Santo, João da Silva Gouveia Junior, Luiz da Silva Prazeres, Luiz Francisco Alves, João Luiz, Luiz Duarte, remadores; Joaquim Mendes Vasques, João da Silva Elias, correiros; Inacio Bernardino, José Cristiano, João Realista, carreteiros; João Duarte, Antonio Rosa, padeiros; Joaquim dos Santos Correia, Juízo da Silva, serradores; Eduardo Veríssimo de Sousa, empregado no comércio; Julio das Neves Angelino, eletricista; José Antonio Cristina, relojoeiro; Raimundo Alves Ramos, litógrafo; Antonio Pedro Varela, empregado industrial; Antonio Ferreira Mau, mestre de obras; José Dias Cordeiro Junior, empregado público; Jorge Alfredo dos Santos, condutor; José dos Santos Moreira, empregado do registo civil; Luiz de Sousa, artista; Frederico Fernandes Franco, calceiteiro; José dos Reis Vieira, canteiro; e Alexandre Rodrigues Viola.

POR ESSE ALGARVE

Tavira

Com a imperturbável serenidade, tão própria só dos eleitos e de quem pretende fazer um relato fiel dos acontecimentos que, por artes magicas, se estão desenrolando nesta lagoa desgajada terra, não podemos deixar de dizer, em que pese aos seus chefes, que abriu falencia, o Grupo Unionista cá do burgo. Que essa nossa afirmação não seja fulminante para os convictos (que felizmente são muito poucos), nem tão pouco sobrestate os ingenuos, ou os espartilhos.

Neste salve-se quem puder, cada um mete a unha que tem. Assim o fez uma vez um burro, não obstante ser um burro. A nossa intenção é muito modesta, pois tem por fim prevenir os incertos e alumiar os cégos. Aos que ficaram de fóra e que são incomparavelmente o maior numero, a esses nada diremos que não seja o que já há muito compreenderam. A gente unionista não tem elementos para nos governar. Olhando para os dois anos passados, não vemos senão misérias. Se olharmos para o futuro, não deparamos senão coisas, já agora, celebres: listas dos unionistas filiados espontaneamente por obrigação na não menos celebre reunião do animatógrafo. Essas listas indicam o princípio de fim de um grupo que se dizia indestrutível.

Os nomes que lá vem são quanto à qualidade (com raras exceções) e quanto à quantidade uma verdadeira miseria, uma vergonha.

Nós ainda somos dos ingenuos que supozeram ir filiar-se no unionismo um grupo rasoável de individualidades de prestígio, mas... a realidade foi cruel. Dos históricos poucos ficaram e esses bem sabem o motivo do seu afastamento. Os novos, cedo saberão a figura que representam, já não diremos nos mãos dos chefes, mas dos que insinuam, intrigam e ameaçam.

De hoje a meio ano saberemos o que resta dessas celebres listas a que fazemos propósito de nos referir mais devagar. O que, porém, e desde este momento se nos oferece dizer, é que, para grandeza do partido unionista de Tavira (que é também e ficará sendo o único do Algarve, depois que se lhe foi a celebre energia do Paulino) nütica elas deveriam ser publicadas. Ignorando-se os nomes que elas contêm supõe-se já uma coisa, que muito brilho e honra dariam a esse grupo.

Assim, não, feitas (como dissemos) algumas, não muitas, exceções honrosas. O que se está vendendo é simplesmente uma pobreza franciscana a avaliar pela grande quantidade de pessoas de prestígio que de fóra ficaram e que supomos breve e oportunamente virão, na plena posse dos seus direitos, a dar as cartas na localidade. Para que ninguém tenha o arrojo ou a má lembrança de supor que fantasiámos citar-lhe-emos alguns dos homens de mais prestígio da cidade, que por forma alguma

se deixaram acorrentar ao unionismo: Sebastião Neves Teixeira de Aragão, Camacho Sabbo, Estacio Telo, Possidonio Guerreiro, José Pinheiro Centeno, capitão Vitor, coronel Campos, Pires de Azevedo, tenente-coronel Cunha, dr. Leote Cavaco, Primo Marques, Falcão Berredo, capitão Aguias Joaquim Neves, Sebastião da Cruz, dr. Antonio de Sousa, general Alves, dr. Batista Caleça, dr. Braz, dr. Simões da Costa, prior Romão Vaz, Pedro Mendes, tenente-coronel Cansado, José Maria dos Santos, Luiz d'Arnejo, José Pedro Fernandes, Conceição Chaves, Chagas Franco André do Rosario, João Centeno, major Pires de Azevedo, Justino Ferreira, etc.

Todos eles, no momento da proclamação, foram lançados ao ostracismo.

Creio que todos eles saberão, em ocasião oportuna, como disse, mostrar o que valem e o que desejam.

— Esteiro como um petardo no meio taurinense o punhado de notícias que aqui publicámos no numero passado.

Outra coisa não era de esperar, desde que frisamos a verdade e essa é a de que o unionismo não faz, nem fará carreira no Algarve, nem tão pouco em Tavira. Costuma-se dizer que «na terra dos cegos, quem tem um olho é rei». Pois consta-nos, sem receio de desmentido, que os taurinenses já vão abrindo os olhos. E não veem demais, quando atentarem na falência do unionismo.

E esse o destino dos partidos onde o povo se não encorpora, é esse o fim dos partidos onde os seus adeptos se julgam oprimidos. Quem nem tanto pode dar e os que uma coisa sentem, dificilmente fingirão, por muito tempo sentir outra.

Nada de ficções. Cada um no seu posto e livremente, pois é esse o lema da República. A opressão e a ameaça jamais criaram adeptos. Quando muito originam revoltados e estes são os pesos dos filhos, ou dos inimigos.

Olhão

Até que enfim vamos vendo a vila modelada no que diz respeito a canalização, pois a comissão municipal entendem pur bem mandar acrescentar o cano geral, que terminava na Rua da Lagoa, até ao fim da Rua Miguel Bombarda. Fazemos votos para que não fique por aqui e que não guarde para daqui muitos anos a conluminação deste melhoramento que é uma das coisas de primeira necessidade para a vila, tornando a liberdade de lembrar à Ex.ª comissão — sem infensa a sua competência — a necessidade de obrigar os proprietários das casas sitas nas ruas onde há cano geral, ou pelo menos naquelas onde atualmente se está abrindo, a fazerem a canalização das suas propriedades para o mesmo cano, porque de certeza nem mil canos gerais chegarão para o saneamento da vila, ficando nós expostos a aspirar o belo aroma das hrisas expelidas pelas fábricas de conserva, adágias, etc, como aliás nos tem surpreendido.

Lembramos mais a necessidade de obrigar o cidadão José dos Reis, proprietário do prédio sito na Rua do Rosário que atualmente serve de residência ao cidadão António da S. S. Honrado, a canalizar as águas da varanda do seu prédio para a rua, por meio de manilhas metidas na parede, porque com os canos que ali imponha tem, com mais de m. 50 de comprido, cidadão que lhes passe por baixo em ocasião que esteja a chover fica completamente inundado.

Desejamos bastante que a Ex.ª comissão municipal nos não leve a mal estas nossas lembranças, que fazemos com que estamos dentro dos limites do nosso direito como contribuintes, e não por acidente a qualquer pessoa ou entidade.

— Cansei grande entusiasmo nesta vila, a notícia da absolvição do sr. dr. Cândido da S. S. Honrado, fazendo-se por iniciativa do cidadão Carlos da Silva Nobre, professor de ensino livre, uma subscrição entre os cidadãos mais reconhecidamente amigos ao Partido Democrático, cujo produto reverterá a favor do festejo que alguns cidadãos amigos pessoas e políticos do ilustre clínico e denodado democrata, ressoaram organizar à sua chegada a esta vila, no primeiro dia que aqui vier.

— Pelo cidadão Sant'Ana empregado do cidadão Fialho, foram despedidos, sem motivo justificado, da fábrica de conservas que este sr. está construindo no sitio denominado Castelo, os operários carpinteiro Augusto das Dores de Sousa, Gabriel da Silva e outro de quem não sabemos o nome. Como todos sabem, a lei proíbe os operários quando abandonam o trabalho sem terem preventivo os patrões e as autoridades com oito dias de antecedência, e os patrões quando cometam igual infração.

Pois este sr. Sant'Ana, cometem um atropelo da lei e as vítimas não tiveram a coragem precisa para se queixarem, nem os seus companheiros de trabalho

um sinal de protesto, ao ve-los escorrerem pelo mandarim Sant'Ana!

Mais uma vez se nota a falta de instrução e organização social.

Estamos plenamente convencidos de que o cidadão Fialho desconhece por completo as injustiças que, a dentro das muralhas da sua propriedade se tem praticado; confiados portanto no seu espírito reto e ordeiro daqui lhe fazemos o aviso, para que possa sindicar o caso.

— O Centro Republicano Democrático nessa vila, não obstante os risinhos trocadosalguns cidadãos as piadinhas deusas e ainda a má vontade de todos os que não concordam com a ideia democrática, é um falso. Alguns cidadãos tem corrido pressurosos a dar à sua adesão, outros tem sido cuidadosos, aceitando uns e não aceitando os que não concordam com a política do dr. Afonso Costa. Não estranhemos o falso porque somos apologistas da liberdade de ideias; estranhemos sn. que qualquer cidadão, sendo considerado para socio, responda com insultos ao convite, pois que o responder bem, custa ainda menos que o responder mal, e evila-nos sempre más consequências.

Serve de exemplo o cidadão Domingos Espírito Santo Correia que ao ser convocado pelo cidadão Francisco Lopes, respondeu que não se associava porque não queria fazer parte de uma agremiação constituída por ladrões, para poder falar tempo para dizer mais porque lhe faltava depois para poder fugir para dentro da sua fábrica, após ter vomitado a insídia.

Não desgostávamo de saber quem são os ladrões a quem o sr. Domingos Espírito Santo Correia se refere.

Nós não os vemos; sim vemos mãos casadas mas honradas.

Medirá o sr. Domingos Espírito Santo Correia todos pela sua biologia... Pois olhe meu caro, antes de qualquer indivíduo fazer a apreciação dos seus cidadãos, deve olhar-se primeiro a um espelho onde possa ver a consciência. Que o sr. Correia seja ou não socio não é coisa que nos preocupe, mas ao menos respeite os seus concidadãos para poder ser por eles respeitado. Lembre-se de que nós conhecemos os pais de todos os puros que por cá existem e deixe-se de insultar quem não lhe fez mal.

NOTICIARIO

A pedido da legação da Alemanha no nosso país, vai ser fornecida ao governo daquela nação, uma nota das nossas fortalezas, tanto do continente como das ilhas adjacentes e colônias, que correspondem às salvas dadas pelos navios de guerra estrangeiros.

Fui nomeado sindicante dos atos da comissão municipal administrativa do Porto, o sr. dr. António da Fonseca Almeida Cardoso, delegado do ministério público em Miranda do Douro.

Partiu para S. Francisco da Califórnia o nosso estimável amigo José Cristovão.

Já está concluída a reparação do aéreo Republica (tipo Avro) que há dias caiu sobre a carreira de tiro de Penha.

Consta que vai ser montado nas proximidades de Alverca o parque da escola de aviação militar.

O sr. governador civil de Beja solicita do governo a abertura de trabalhos públicos na freguesia de Amareleja, do concelho de Moura.

O sr. ministro do interior determinou que se instaurasse processo aos alunos da Licen Passos Manuel, que desde o último sábado se veem entregando a manifestações menos convenientes.

O processo será disciplinar e criminal.

Em serviço profissional estiveram em Olhão os distintos advogados srs. drs. José Vicente Madeira, de Faro, e José Vitorino Melha, de Silves.

Reassumiu as funções do seu cargo o sr. Wenceslau Ferro, aspirante de finanças em Olhão.

A seu pedido, foi exonerado de 1.º assistente provisório da faculdade de medicina de Lisboa o sr. Paulo Marreca Ferreira.

Acompanhado de sua mãe partiu para Lisboa o sr. Carlos Pinto.

Partiu para Lisboa o sr. Ventura da Silva.

Partiram para Lisboa os srs. António José dos Santos e Carlos José Cavaco.

Partiu para Lisboa o sr. dr. Apolônio Leal.

Vimos nesta cidade a sr. D. Emilia das Dores Pires Marum, estremosa esposa do sr. António Joaquim e Marum Junior, nosso correligionário de Almancil e sua irmã D. Antonia de Jesus Pires.

Vimos também o nosso estimável assinante Cristovão Guerreiro Marum.

Tendo ido a Lisboa, à espera do seu filho o irmão, que veio do Brasil, já regressaram com ele a esta cidade a sr. D. Maria Rita da Silva e sua filha D. Palma Amélia da Silva.

Em virtude do decreto de 30 de dezembro de 1910, o próximo dia 2 de dezembro é considerado feriado oficial.

Foi pedido o preenchimento da vaga existente na escola masculina do Alportel, lugar da freguesia de S. Braz.

Pediu a exoneração do 1.º lugar de professora interina de S. Clemente de Loulé, a sr. D. Dilar Hedwigas da Silva.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amânia domingo: D. Paulina de Bivar Brandeiro, D. Isabel Medeiros Domingos, D. Judil Ayala, D. Maria de Sousa Ramos, D. Clarisse da Silva Neves, D. Laurinda Cunha Simões, José Antônio Ferreira, Augusto de Carmo Silva, Eduardo Rodrigues e Manuel Evandro de Oliveira.

Segunda, 2.—D. Maria Emilia Gomes, D. Ana de Sousa Monteiro, D. Eugénia de Oliveira Gonçalves, D. Cristina Augusto Pacheca, Francisco André do Rosario, Joaquim do Mendonça e Melo Trindade, João José Bonaventura, António Silverio Dias e Joaquim Miguel Guerreiro.

Terça, 3.—U. Autuola do Faro Margarida, D. Maria de Sousa Correa, D. Joaquim do Jesus Gomes, D. Ana de Jesus Viegas, António Eduardo Macado Origão, João de Sousa Moreira, Augusto José Alves, Manuel Francisco dos Santos, António Riacho, Francisco Pedro Teixeira e o menino António Miguel de Mendonça.

Nascimentos:

Deu à luz uma creança do sexo masculino a sr. D. Rachel do Oliveira Amâncio, esposa do sr. Joaquim Amâncio Junior, conciliado farmacêutico em Olhão.

Aos novos desejamos muitas felicidades.

Casamento:

Realiza-se brevemente o velório matrimonial do sr. Joaquim Dural de Sousa Pestana, acreditado comerciante em Olhão, com a sr. D. Rosalinda Estrela, genitil filha do sr. João José Estrela.

Aos novos desejamos muitas felicidades.

LICÕES

Literatura ingleza e ensino de francês e inglez a crianças, por Madame Ivens Ferraz.

Contabilidade e escrivanaria comercial (Teoria e

LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO

Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francês, o melhor, mais económico e perfeito que até hoje tem aparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gás acetilene, dos mais práticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da província.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quais se vendem pelos preços das fábricas.

Instalações completas para água, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos ingleses em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zinado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho, ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA



Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONAIS DA NOSSA CIVILISACAO
A PSICOLOGIA DAS MULTIDOS

Tipografia Democrática

RUA 1º DE DEZEMBRO — FARO

Nesta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipográficos, tais como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartição, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNALES

Neste estabelecimento, que é sem dúvida o melhor do Algarve, encontra-se à venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de ofícios, cartonado, almacô, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO.

CONDICÕES DE ASSINATURA (Pagamento adiantado)

Portugal e Colônias (Um ano) Porto, 1.2440 réis; Províncias, 1.2500 réis avulso, 120 réis.

Brasil (moeda forte) (um ano) Pelo correio, 1.2700 réis.
Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

SEÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A TRASOS E À PRONTO PAGAMENTO

EXPOSIÇÃO DE QUALQUER ENCOMENDA COM A MAIOR BREVIDADE

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

REMÉDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermífugo Braga)

É um remédio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar — A SAÚDE DAS CRIANÇAS.

AOS REVENDORES E MAIORES COMPRADORES concedemos, quanto às águas, o mesmo desconto que dão os depósitos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porto do camião de ferro, que são, respectivamente, 80 réis, 210 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo António ou Villa Nova de Portimão; despesa esta consideravelmente menor do que vindo as águas directamente de Lisboa, pois n'este caso regula por 1050 réis.

Requerendo-as do nosso deposito, lhe também a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circunstância da redução da despesa resulta poderem-se vender ao público, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

F. S. SILVEIRA
ANTIGA CASA VIUVA SERZEDOLO

Drogas e produtos químicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 - RUA DOS REMOLARES - 18

LISBOA

Revista literaria e científica de que é Diretor
MARQUES ABREU

FEDACAO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO

ARTE

Existe a cor no ato da enlega e se distinguir, restituí-se a importância. — Piel para luto em 48 horas

RUA CASTILHO, 38-A — FARO

LIVRARIA DAS NOVIDADES
DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA
AGÊNCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS
RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessários em todos os colégios e liceus

PORTUGAL PRESIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros marítimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubos

Seguros postais

Seguros agrícolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde — Rua do Alecrim, 10 — LISBOA

AGENCIAS EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAXINHA

RUA DA PABARIA, 52 58 — LISBOA

Comida e cama a 800 e 1.000 réis. Camas a 200 e 300 réis

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLOGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO — cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCCESSIONES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitais e Laboratorios

Tisana de Zutmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Únicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espido)

PREÇOS MODICOS

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças veneras, ainda que em creanças.

Pregado 5 horas depois do coito suspeito.

Tinturia Lisbonense

ALBINO AUGUSTO

TINTUREIRO

Chegado ha ponço de Lisboa, onde durante 18 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de variás tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todas as cores; tingem-se capas de borracha pelo sistema alemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora, sem que seja preciso desmanchal-los. Fazem-se lavagens especiaes em vestidos, falso e lutas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se também fazendas em peça e fio lava-se lá para colchões, executam-se, enfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas es roupas, por mais usadas que sejam, ficam perfeitamente novas.

Examine-se a cor no ato da enlega e se distinguir, restituí-se a importância. — Piel para luto em 48 horas

RUA CASTILHO, 38-A — FARO

IMPORTAÇÃO DIRETA